



Bourgeois Dignity: Why Economics Can't Explain the Modern World

Deirdre N. McCloskey

Chicago: University of Chicago Press, 2011. (592 páginas)

ISBN: 978-02-2655-674-1

São poucas as obras de economia que aproximam campos de conhecimento tão diversos, que vão da Literatura, Filosofia e Ética. Mais raras ainda são aquelas que reúnem erudição literária e filosófica de modo simples e convincente ao público comum. É o que faz a economista e professora da Universidade de Chicago Deirdre McCloskey, em sua obra *The Bourgeois Dignity: Why Economics Can't Explain the Modern World* (A Dignidade Burguesa: Por que a Economia não Pode Explicar o Mundo Moderno). McCloskey nesta obra analisa o fenômeno do desenvolvimento econômico e as origens do capitalismo moderno. Por que algumas nações enriquecem e outras empobrecem?

McCloskey observa em *The Bourgeois Dignity* que, a partir do século XVIII, iniciou-se um crescimento sem precedentes na riqueza e no padrão de vida na população mediana dos países. Este crescimento é denominado de Grande Enriquecimento (*Great Enrichment*). O Grande Enriquecimento se concentraria inicialmente na Inglaterra para estender-se aos demais países europeus no século XIX e finalmente alcançar o restante do globo no século XX.

Os números revelam a magnitude desta melhoria do padrão de vida às massas. Enquanto em épocas anteriores de prosperidade a renda real *per capita* multiplicava-se em até 2 ou 3 vezes (100% ou 200%), o nível da renda passaria a crescer a um fator multiplicativo de 7 durante o período do Grande Enriquecimento (ou extraordinários 2500 e 5000% entre 1700 e 2001). Hoje, o americano médio possui

uma renda real *per capita* de 130 dólares ao dia; este valor era de 3 dólares ao dia para a população mundial no século imediatamente anterior ao Grande Enriquecimento, no século XVII.

Quais seriam as origens do Grande Enriquecimento? McCloskey expõe e analisa o pensamento de inúmeros autores da teoria do desenvolvimento que vêm tentando se debruçar sobre deste fenômeno. Uma delas é a teoria de Solow de acumulação de capital. Para Solow, a formação de poupança e a acumulação de capital estaria por trás do nível do desenvolvimento de países. Portanto, o empilhamento de capitais sobre capitais, como tijolos de construção, determinaria um maior montante poupado, e portanto, a ser reinvestido na produção, gerando um círculo virtuoso de mais capital, poupança, investimento e produção. Este raciocínio, para McCloskey, embora de fato explique a dinâmica do crescimento econômico, não seria suficiente para explicar o fenômeno singular do Grande Enriquecimento. A acumulação de poupança e frugalidade é uma constante universal, seja em povos agrícolas ou comerciais. Outros povos ao longo da história também poupavam uma parcela significativa de seus rendimentos¹.

¹ McCloskey demonstra que a estocagem de grãos na Idade Média constituía uma parcela significativa dos recursos poupados, deixando pouco para os demais investimentos. Por outro lado, tal poupança forçada era inexistente em regiões férteis da Nova Inglaterra, com uma agricultura muito mais produtiva que a europeia. Isso não foi um impeditivo à sua industrialização. Não houve, portanto, grandes mudanças no padrão

Outra teoria moderna de desenvolvimento importante analisada por McCloskey é a teoria do capital humano. Segundo esta teoria, os ganhos de educação e anos de estudo acumulados ao longo da vida de um indivíduo constituiriam investimento e geração de capital intelectual que, no longo prazo, se reverteriam em aumento de produtividade e retornos extraordinários do investimento realizado. Portanto, quanto maior o nível de educação dos indivíduos de uma sociedade, maior o seu nível de produtividade e, portanto, mais elevado o seu nível de desenvolvimento econômico. McCloskey aceita a tese de que há um poder multiplicador de produtividade inerente aos ganhos de educação, mas ela assume que, ao longo da história passada, a educação nem sempre constituía um capital gerador de valor econômico. A instrução jamais esteve associada à produtividade econômica, pelo contrário, mas uma atividade reduzida à aristocracia e associada à ociosidade².

A terceira teoria econômica muito difundida a ser analisada por McCloskey é a teoria das instituições. Esboçada inicialmente por Douglass North, e posteriormente aprofundada na célebre obra *Por Que As Nações Fracassam*, de Daron Acemoglu, as instituições constituiriam restrições sociais (legais ou informais) que organizam interações humanas. Neste sentido, um arranjo ótimo de instituições é aquele que maximiza a eficiência e a produtividade de atividades econômicas.

de poupança no período imediatamente anterior à Revolução Industrial. Evidências empíricas recentes comprovam que a taxa de investimento em capital físico nos países europeus perto da industrialização se encontrava até em níveis inferiores à média europeia: 4% em 1700, contra a média de 11%, 6% contra 12% em 1760, e 8% contra 12% em 1800.

² O caso chinês exemplificado por McCloskey é emblemático. A elite intelectual chinesa, constituída pelos mandarins, era avessa à ganância comercial e empreendedora. Caso a teoria do capital humano se confirmasse, o Grande Enriquecimento deveria ter ocorrido na China imperial culta e instruída, e não na Europa no século XVIII.

Como exemplo, um ambiente institucional de garantias a direitos de propriedade, que promova baixos custos de transação de compra e venda aos agentes, é um exemplo de arranjo institucional garantidor de eficiência e fomentador de investimentos e da ação empreendedora no longo prazo.

Estas instituições garantidoras da atividade econômica nem sempre existiram na história. Segundo Acemoglu em *Por que As Nações Fracassam*, foi somente a partir da Revolução Gloriosa inglesa no final do século XVII que as instituições modernas, garantidoras do Estado de direito e de segurança legal aos indivíduos, consolidaram-se. Estas instituições modernas tornaram a Inglaterra um país à frente dos demais em proteção à propriedade privada e às liberdades civis e individuais. Com isso, custos de transação e riscos inerentes à arbitrariedade das políticas de governantes que venham a ameaçar empreendimentos e projetos de longo prazo viriam a ser reduzidos, permitindo o impulso econômico do século XVIII e a Revolução Industrial.

McCloskey reconhece a importância de um ambiente institucional previsível e seguro aos investimentos foram imprescindíveis à Revolução Industrial e o Grande Enriquecimento. Mas este não é, em si, o fundamento do fenômeno. Copiar instituições jurídicas prontas pode ser inútil se não há uma mentalidade cultural da população aberta ao empreendedorismo. Pouco adianta a retirada de restrições e de incertezas se não há um clima de ideias culturalmente arraigadas e disposição empreendedora de agir que impulsionem o desenvolvimento.

A fonte de equívoco mais comum destas teorias está naquilo que McCloskey denomina de Economia de *Prudence Only*. Para McCloskey, a *Prudence Only* constitui o paradigma dominante da economia ortodoxa (*mainstream*) moderna. Trata-se de um pensamento teórico que tende a explicar todos os fenômenos humanos a uma única dimensão da virtude humana, a prudência. Ao se buscar explicar todos os fenômenos humanos somente

sob a ótica da prudência, todas as ações morais e sociais se reduziriam ao cálculo racional de maximizar utilidade e minimizar custos.

Em contraposição a este pensamento, McCloskey defende que seres humanos não somente visam maximizar seus interesses (ou seja, o *Homo economicus*), mas agem conforme encontram um convencimento interno para suas ações. McCloskey cita como exemplo o caso dos sinais de trânsito. Mesmo que exista o sinal vermelho como restrição externa que sinalize a paragem de carros para travessia de pedestres, motoristas não necessariamente pararão caso estes não se convençam internamente disso. Alguns motoristas propensos à obediência da lei param no sinal vermelho sem a necessidade de fiscalização de guardas, enquanto outros continuarão a avançar independentemente da fiscalização e coercitividade. Não haverá respeito aos sinais de trânsito enquanto não houver uma persuasividade razoável na obediência à lei.

Portanto, assim como as restrições e incentivos externos fornecidos pelos sinais de trânsito não são o fundamento da boa conduta de motoristas, incentivos externos à poupança, educação, instituições estáveis também não são o fundamento do desenvolvimento de países. O convencimento interno de indivíduos sobre determinadas ideias o é.

Esta é justamente a tese central de toda a obra de *Bourgeois Dignity*. McCloskey ressalta que ideias foram um dos principais motores do Grande Enriquecimento. Ou seja, a partir de um certo momento da história europeia, entre os séculos XVII e XVIII, inicialmente na Holanda e posteriormente de maneira mais intensa na Inglaterra, um maior grau de convencimento na sociedade sobre as virtudes das ideias empreendedoras e comerciais passaria a ser observado.

Este maior convencimento das virtudes dos ideais empreendedores e comerciais é exemplificado por McCloskey. O conceito de honestidade, empregado nas peças de William Shakespeare (1564-1616), no início do século XVII, tinha um significado muito associado aos valores de guerra da classe nobili-

árquica-militar. Ser honesto era sinônimo de “honrado”. Paulatinamente, entre os séculos XVII e XVIII este termo passou a sofrer transformações, até alcançar o sentido modernamente empregado, associado à sinceridade. Nos livros de Jane Austen (1775-1817), no final do século XVIII, honestidade apareceria com o significado de respeito aos compromissos, contratos e promessas; respeitador era o “homem de palavra”. Valores não mais relacionados à classe militar e aristocrática, mas aos valores comerciais de compra e venda da classe burguesa³.

Esta mudança sutil no sentido semântico de termos empregados usualmente na vida prática e social é reflexo de profundas transformações nos valores e mentalidades vivenciados naquele período. Tratam-se de transformações que conferiam uma dignidade crescente ao caráter e conduta moral do comerciante burguês. E foi justamente em consequência desta valorização que se daria, entre os séculos XVII e XVIII na Holanda e principalmente na Inglaterra, um crescimento do prestígio social da atividade comercial e empreendedora, outrora alvo de desprezo e inveja. Este fenômeno é denominado de Reavaliação Burguesa (*Bourgeois Revaluation*).

A Reavaliação Burguesa trouxe respeitabilidade e liberdade às atividades empreendedoras, culminando naquilo que McCloskey denominaria de Acordo Burguês (*Bourgeois Deal*). O Acordo Burguês constitui a nova ordem econômica liberal que se ergueria sobre os novos valores pró-mercado que se irradiavam, a partir do século XVIII. Essa ordem liberal forneceria garantias e proteções ao indivíduo mediano para comprar e vender, empreender, competir, produzir e inovar. Como exemplo, no caso inglês, a irradiação das novas ideias trazidas pela Reavaliação Burgue-

³ É importante ressaltar que o termo “burguesia”, para McCloskey, dista e muito da categoria marxista de pensamento, de dona dos meios de produção. Burguesia está muito mais ligado aos valores típicos de classe média, e ao caráter inerente a esta, de prudência, frugalidade, empreendedorismo, orgulho de realização, etc.

sa levaria à implosão do sistema econômico vigente no século XVIII, então fortemente regulador das atividades industriais (através de corporações de ofício) e comerciais (através de uma política estatal mercantilista). Assim, o Acordo Burguês é o fundamento da ordem econômica e do desenvolvimento capitalista atual.

A obra *Bourgeois Dignity* se destaca por sua originalidade e abrangência no estudo das causas do desenvolvimento econômico, ao defender que ideias são o fundamento de transformações sociais e econômicas. São as mentalidades e pensamentos arraigados nos indivíduos que formam suas disposições de agir, hábitos e caráter, influenciando o destino de uma sociedade no longo prazo. Como consequência, uma sociedade que valorize os ideais burgueses de comércio e empreendedorismo tenderá a desenvolver-se e prosperar. Já aquelas que rejeitem tais ideais estão condenadas ao empobrecimento e irrelevância econômica.

McCloskey reconhece a existência de reviravoltas no clima de ideias contemporâneo que ameaçam Acordo Burguês, pondo fim à dinâmica de crescimento capitalista. Muitos dos ideais libertários burgueses que inspiraram o Acordo Burguês têm desaparecido dos debates e discussões na classe intelectual e po-

lítica mundial. A mentalidade política e econômica atual dista e muito dos ideais liberais clássicos presentes no século XIX, seja pela ascensão da mentalidade igualitarista social-democrata e politicamente correta, seja pela ascensão recente de ideais protecionistas e antiliberais da extrema direita europeia. Como consequência, o mundo ocidental vivencia um refluxo da época de ouro vivenciado no passado, com baixas taxas de crescimento econômico, envelhecimento populacional, renda per capita estagnada, indivíduos altamente dependentes da proteção estatal com pouco estímulo à inovação e a assumir riscos.

McCloskey traz uma mensagem crucial àqueles preocupados com o futuro dos valores libertários no mundo. Em um mundo constantemente ameaçado, seja pela esquerda ou pela extrema direita, pela desconfiança ao indivíduo, à rejeição do lucro e do “materialismo econômico”, esta mensagem é mais do que importante para conservar o grande potencial de liberação de forças produtivas presente na economia capitalista moderna. A eterna vigilância é o preço da liberdade, e cada geração está encarregada de manter bons valores e hábitos sociais, e denunciar e condenar as más ideias e condutas que levam ao seu desvio. ∞

Tiago Cabral Barreira

Graduado em Economia pela FGV-RJ
Pesquisador do IBRE/FGV
tiagocabral91@hotmail.com